

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

IDA MARIA MARASSATTO

DESCOBRINDO NOVOS CAMINHOS

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

IDA MARIA MARASSATTO

DESCOBRINDO NOVOS CAMINHOS

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia
– Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício nos Municípios da
Região Metropolitana de Campinas, da
Faculdade de Educação da Universidade
Estadual de Campinas, como um dos pré-
requisitos para conclusão da Licenciatura em
Pedagogia.

CAMPINAS

2005

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Marassatto, Ida Maria
M325m Memorial de Formação : descobrindo novos caminhos / Ida Maria
Marassatto. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-127-BFE

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar presente em todas as tristezas e felicidades.

Aos meus pais, Ida Massaretto Marassatto e Armando Marassatto, por ajudar a remover as pedras do meu caminho.

Aos filhos que tanto amo, Mayara Marassatto Carminatti e Guilherme Marassatto Carminatti, por serem as flores que enfeitaram minha estrada.

Minha ex-sogra, Maria José Carminatti (Dona Zeca), pelas lições de vida.

Às amigas, Erci e Judite, que deram apoio nessa minha volta aos estudos.

Às colegas, Glaceilse, Lucília, Daniela, Flávia e Eliana, que se mostraram merecedores do título de “amigas especiais”.

“Os seres humanos são como anjos de uma só asa. Só conseguem voar quando estão abraçados.”

Neo Buscarle

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	06
2. Quando tudo começou.....	09
3. Minha definição profissional.....	12
4. Conquistando meu espaço profissional.....	14
5. As dificuldades da profissão.....	16
6. O reencontro com a escola na condição de aluno.....	19
7. A mudança de postura.....	38
8. Referências bibliográficas.....	41

1. Apresentação

Com o memorial que apresento a seguir, pretendo deixar registrado alguns acontecimentos especiais de minha vida escolar e profissional. São lembranças carregadas de cores, flores, odores, gentes, momentos. Tudo faz parte de um processo, que na maioria das vezes, não é percebido por mim, pois estou sempre ocupada demais perseguindo o poder, o prazer, o afeto, a posse. Mas a vida corre atrás de mim, é mais rápida e me alcança, gritando para que eu acorde, vire mulher, cresça e apareça, seja adulta, faça escolhas, assine embaixo, pague o preço e não reclame demais.

A liberdade que me proporciona hoje a oportunidade de escolher, às vezes me assusta, mais cômodo seria não ter que optar, mas aí perderia minha essência humana e seria pedra, bicho ou planta. Espera aí, sou mulher quero abraçar o mundo, recomeçar a cada dia já que não preciso e não quero criar raízes. As coisas boas também se acabam para dar lugar a outras, um ciclo que se renova.

Recordar é se dar conta que o tempo que passou nem sempre foi infeliz, pois nele conquistei, cresci, acrescentei, enfim vive plenamente cada momento que se apresentava.

Essa concepção histórica de armazenamento de conhecimento e o valor dado à memória são responsáveis pela concepção tradicional de que aprender é adquirir conhecimento por meio da recepção de informação. Se alguém recebe é porque alguém transmite. Alguém ensina, deixa um sinal ou marca e alguém aprende numa relação hierarquizada de professor e aluno. Alguns produzem conhecimento e outros consomem. A idéia é de que o conhecimento vem de fora e os sujeitos o incorporam. A hipótese que suporta essa concepção empirista do conhecimento é a de que o saber está fora do sujeito, no objeto, e cabe a ele captá-lo. Algumas pesquisas, apontadas por Becker (2000), mostram que o empirismo é a forma que mais amplamente caracterizou e ainda caracteriza a epistemologia

do professor. A memória, sob essa ótica, tem um papel importante, sendo reconhecida como um arquivo que acumula informações vindas do exterior e a aprendizagem mostra-se relacionada à capacidade de memorização. Surge e se concretiza, daí, a idéia de transmissão de conhecimento.

No atual estado das pesquisas, ninguém sabe exatamente o que acontece num sistema complexo como o cérebro humano quando ocorre a aprendizagem. No atual momento, as observações que dispomos nos dizem unicamente que, quando as pessoas acabam de aprender algo, sucede-se uma mudança global em seu cérebro. A aprendizagem não modifica apenas uma coisa, ela modifica todo o sistema. Essa idéia corresponde à teoria biológica de H. Maturana e de F. Varela (1995) em que aprender é uma necessidade dos organismos vivos. Para estes autores a aprendizagem não é apenas uma adaptação do indivíduo ao meio, mas sim o desenvolvimento de experiências, caracterizando-se por envolver o acoplamento estrutural entre meio e indivíduo. Neste sentido, indivíduo e meio são flexíveis às mudanças estruturais mutuamente. O aprender está relacionado diretamente às mudanças estruturais do indivíduo, que na terminologia dos autores é considerado uma unidade que interage com o meio em que se encontra. Neste caso, o indivíduo não é separado do meio, e ambos, por meio de uma dinâmica interacional, mudam sempre juntos. Para Maturana (1999) o organismo aprendeu porque mudou a sua conduta em relação ao momento anterior, de uma maneira contingente modificou a sua história de interações recorrentes (Moraes, 1983). A aprendizagem não é um processo individual, mas mútuo. Os autores afirmam que, por ser uma organização autopoietica, o que se passa com o indivíduo é determinado pelo próprio indivíduo, portanto, para esta teoria, não é aceitável o caráter instrucionista, pois não é o meio que especifica as mudanças estruturais do organismo, e sim o indivíduo que seleciona apenas o que deseja aprender.

Foi interessante escrever minhas memórias, às vezes tão distantes, outras tão próximas.

Acredito que a transformação é a minha marca. Na escola da vida nem sempre fui boa aluna, tive dificuldades, mas estou sempre atenta, vivendo e aprendendo constantemente.

E é por estar em constante transformação que hoje estou na condição de estudante universitária e que tenho a oportunidade de reescrever minha história de vida analisando filosoficamente quais as implicações, em minhas ações pedagógicas, de tudo que vi, ouvi, li e assimilei, durante meu processo de formação.

As análises que faço desse processo, estão pautadas nas leituras e discussões feitas em sala de aula, bem como nas contribuições que estas acrescentaram, não só a prática pedagógica que hoje desenvolvo, mas também a postura que tenho diante de assuntos ligados à educação.

2. Quando tudo começou

“O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Pôr isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.”

Fernando Pessoa

Que tempos eram aqueles, pelos quais devo iniciar a narrativa de minha trajetória de vida estudantil? Uma certeza eu tenho, era um momento de transição no eterno processo de nos tornarmos mais humanos.

Lá estou eu, nasci na tarde do dia 27 de Maio de 1963, fui a única dos 3 filhos que nasceu na maternidade da Santa Casa de Misericórdia de Itatiba, que naquela época era dirigida por freiras.

Meus pais eram administradores da fazenda São João, que ficava na zona rural da cidade de Itatiba, cujos proprietários moravam em São Paulo e vinham à fazenda apenas nos finais de semana e nas férias.

Lá plantava-se café, algodão, e havia criação de gado leiteiro. Minha mãe ficava à disposição de dona Nazareth, para providenciar o que fosse preciso aos empregados que vinham com eles para a fazenda.

A propriedade era grande e tinha um local reservado para a casa dos colonos. Eram casas iguais, geminadas, onde viviam os empregados mais antigos, os demais eram contratados temporariamente para o trabalho na lavoura.

Nossa casa não ficava próxima a dos colonos, mas ao lado da capela e da escola que lá funcionava para atender alunos da primeira à terceira série, pois a quarta série teriam de fazer na cidade.

A professora que lecionava ali, Dona Araci, vinha de Piracicaba todos os dias, tomava café e almoçava em nossa casa.

Minha mãe era quem fazia a merenda e cuidava da limpeza, tanto da escola quanto da capela.

Lembro-me que queria acompanhar as crianças e a professora até a sala de aula, mas a resposta era categórica: “Não pode, você é muito pequena!”. Mas quatro anos depois comecei a estudar na escola da fazenda, posso sentir o cheiro do meu primeiro caderno e da borracha branca, já usada. A vontade de fazer o lápis deslizar pelo papel tal como via Dona Araci fazer era grande.

Dona Araci conseguiu cadeira (era como se chamava a vaga como professor efetivo em Piracicaba) em sua cidade e em seu lugar vieram Dona Maria José e logo depois Dona Nilza Degani, ambas de Itatiba, trabalhar como professoras na fazenda.

Cursei a primeira série na escola da Fazenda e nos mudamos para a cidade. Minha nova escola agora, muito maior do que aquela com a qual estava acostumada, era a E.E.P.G. “Joaquim de Araújo Campos”, a adaptação foi muito difícil, pois eu era muito tímida.

Ficava no fundo da sala, não me lembro porque, e não conseguia entender o que a professora escrevia na lousa. No meio do ano letivo ela chamou minha mãe e disse que eu não estava tendo um bom aproveitamento, talvez fosse por causa da visão. Fui ao oftalmologista e a suspeita de Dona Creusa se confirmou, eu sofria de “alta-miopia” e precisaria usar óculos “fundo de garrafa”.

Naquele ano fui reprovada, segundo a professora eu consegui acompanhar satisfatoriamente a classe, a partir do uso do óculos, mas seria melhor fazer a segunda série novamente pois eu tinha vindo de uma escola rural. Ela dizia isso na minha presença, e essa foi a primeira vez que senti uma grande dor no coração, pois me magoava muito ser tratada daquele modo.

No ano seguinte freqüentei novamente a segunda série e no ano posterior cursei a terceira série, não tenho recordações desses anos.

Quando estava na quarta série lembro-me que meu pai conseguiu comprar nossa casa própria, era linda e ficava ao lado do clube, onde todos freqüentavam as piscinas, o salão de baile, etc.

Quanto ao período escolar, que era desenvolvido agora na escola “Júlio César”, carinhosamente chamado pôr todos de “grupão” não tenho recordações até iniciar a quinta série, pois este era meu grande objetivo naquela época, ter vários professores e descobrir o mundo através da História, da Geografia, etc.

Nos 4 anos que se seguiram fui a melhor aluna da sala, ganhando medalha de honra ao mérito, uma glória para mim que tinha sido reprovada por ter vindo de escola rural.

Nesse período tive algumas professoras especiais que muito me incentivaram por meu esforço e prazer em estudar, como as professoras Mafalda, Ivoni, Luci.

Dessa época, quantas saudades dos amigos, do risólis da cantina de Seu Armando, dos boatos da loira do caminhão e do homem que caiu no tonel da Coca-cola. Foram os melhores momentos de minha vida.

3. Minha definição profissional

Ingressei na escola CENEMEB (Colégio Estadual de Primeiro e Segundo Grau Manuel Euclides de Brito), para cursar o magistério a contragosto de meu pai que desejava me ver trabalhando como vendedora ou operária, pois era mulher e precisava começar a montar meu enxoval.

Meu irmão era o orgulho da família, pois em breve se formaria engenheiro civil e minha irmã já estava casada há seis anos, como eles queriam.

Cursando o magistério conheci professores que marcaram minha vida, D. Tereza que aliás é irmã da minha primeira professora de Geografia, professor Ricardo Leite com suas aulas de Português e literatura e D. Zeca que ministrava, metodicamente, Didática. No quarto ano ela era não só minha professora como também mãe do meu até então namorado, mais tarde meu marido.

Preciso aqui abrir um parêntese par registrar o quanto D. Zeca e meu irmão foram importantes para que permanecesse na carreira do magistério. Ela me levava para Jundiaí, nas atribuições que aconteciam toda Sexta-feira pela manhã, e pedia para que eu não desanimasse. Ele, quando pegava projeto de escola, dava o número do nosso telefone para que me chamassem como substituta. Assim comecei minha carreira como substituta eventual.

Em 1985, D. Zeca que também era diretora do SESI, me chamou para substituir uma professora da educação infantil, pôr um mês. Passado o tempo ela resolveu se aposentar e eu acabei ficando lá até o final do ano. Foi o suficiente para descobrir que minha grande paixão era a educação infantil.

Na mesma escola funcionava uma classe de pré mantida pela prefeitura municipal cuja professora, Sandra Shynorrara, me ensinou a trabalhar com os pequenos. Ela era meu

modelo de professora e de ser humano, pois me dava dicas e conselhos o tempo todo que foram de grande valia.

4. Conquistando meu espaço profissional

“Aprendi o silêncio com os faladores, a tolerância com os intolerantes, à bondade com os maldosos; e, por estranho que pareça, sou grato a esses professores.”

Kahlil Gibran

A partir da experiência com a pré-escola, fui somando pontos e conseguindo aulas para o ano todo, mas sempre com turmas de quarta série, até que fui trabalhar na escola “Agenor Vedovello”, assumindo uma 4ª série “D”, que naquela época queria dizer a pior classe em termos de disciplina e aprendizagem. Todas as professoras da escola se penalizavam com a minha opção, mas não estava em condições de escolher. Foi o pior ano de minha vida, vivenciei experiências que me fazem lembrar as dificuldades que tive tanto com os alunos como com seus pais. Eram pessoas difíceis de se relacionar e a direção da escola não apoiava os professores.

O aluno Wesley, marcou esse período, tinha 14 anos e estava cursando a quarta série, era indisciplinado e liderava os demais. Certo dia, chovia muito e foram poucos alunos, entre eles estava Wesley, aproveitei para recordar algumas lições e ele me disse com satisfação: “Então é isso? Eu nunca tinha entendido!”

No dia seguinte ao bater o sinal do término da aula, ele jogou uma carta que tenho guardada até hoje, mas em função de muitas mudanças que ocorreram em minha vida, nesses três últimos anos, não consegui encontrá-la para colocar em anexo. Mas a essência eu trago comigo. Nela, Wesley conta sua história de abandono familiar e justifica sua indisciplina dizendo que os professores “não estão nem aí” com ele, por isso briga com eles e pensava em agir assim comigo também mas, quando eu falava mesmo para repreendê-lo, olhava nos meus olhos e sentia que era diferente. Finalizava dizendo que não atrapalharia mais minhas aulas.

Lembro-me que fizemos um passeio ao Parque Taquaral e à redação do jornal “Correio Popular”, em Campinas, me aconselharam para não levar o Wesley, mas a contragosto de todos eu o levei. Para surpresa de todos e minha ele foi meu companheiro e o mais interessado do grupo, fazendo perguntas.

Fiquei dois anos nessa escola, trabalhando com conhecimentos fechados, livros didáticos, chamada oral, decorar textos, nomes e datas. Hoje percebo que aquele não era o jeito mais correto de ensinar, mas era como as coisas aconteciam naquele período.

No segundo ano que trabalhei nessa escola foi implantado o Ciclo Básico e eu seria responsável por trabalhar com as salas das séries iniciais (1ª e 2ª séries) com duas disciplinas: Educação Artística e Educação Física.

Como foi difícil trabalhar sem ter nenhum material, desde papel, cola, tesoura, etc. Para Educação Física então, nem se fala, só tinha disponível uma bola de borracha.

Muitas coisas eu comprava com meu dinheiro. A direção até trazia sugestões de atividades, como fantoches, mas como fazer se para o mínimo não tínhamos verba.

Nós procurávamos diversificar, lendo vários livros, brincando de teatro, fazendo coreografias e até concurso de dança, pois o grupo Menudo era a sensação do momento, resgatando brincadeiras folclóricas, enfim trabalhando para que a aprendizagem fosse atingida da forma mais prazerosa possível.

No final de 1987, prestei dois concursos para contratação de professores da Educação Infantil. O primeiro pela Prefeitura de Jundiaí, e o segundo pela Prefeitura de Itatiba. Passei nos dois, mas assumi primeiro em Jundiaí, logo depois fui chamada em Itatiba, onde estou até hoje.

5. As dificuldades da profissão

“Sei mais de mim que os outros, mas tem muitos outros em mim que eu não sei.”

Leminski

Quando da gravidez da minha filha Mayara, prestei o concurso pela Rede Estadual. Fiquei muito bem classificada, tive oportunidade de assumir aqui mesmo na minha cidade, mas optei por abandonar o Ensino Fundamental e ficar com “a menina dos meus olhos”, a Educação Infantil, mesmo porque naquele ano havia assumido uma sala mista (1ª à 4ª série) num condomínio na zona rural, onde eram de minha responsabilidade a merenda, a limpeza e a abertura e fechamento da escola. O acesso era difícil, eu dependia do ônibus até um certo trecho, depois segui à pé por 2 km. Nessa época trabalhava com o pré no período da manhã e esta sala era no período da tarde. Certa vez, ocorreu um assalto na chácara ao lado da escola, seguido de muita violência. Não tive dúvidas, naquela mesma tarde procurei a diretora e abandonei o Ensino Fundamental.

Sempre acreditei ser a educação infantil o início do caminho para se transformar a sociedade, bem como formar os valores necessário à construção do ser cidadão.

Não é fácil ser professora, mas não consigo imaginar fazendo outra coisa. Sou tímida, um tanto reservada, mas na sala de aula me transformo, pois é o que faço com prazer.

Nós, professoras sempre estamos passando por cursos de capacitação com profissionais de conceituadas universidades. Os palestrantes sempre se referem à Educação Infantil como o momento mais importante na formação do indivíduo, mas os órgãos competentes e as próprias família dos alunos, não enxergam essa importância e dão à pré-escola um caráter informal.

Concordo com Dorothy Fleming (1978), quando afirma que “a formação que uma sociedade dispensa a seus educadores pré-escolares revela sua maturidade e a confiança que deposita em seu próprio futuro.”

Outro aspecto que começa a me incomodar é a antecipação da idade aceita para a matrícula. Tenho consciência de que o Brasil é um dos poucos países que alfabetiza somente aos 7 anos, mas o que recebemos cada vez mais freqüente, são crianças imaturas, criadas por pais despreparados e pouco preocupados com a formação de seus filhos. Acabamos por acolher não só a criança como também a sua família, com todos os seus problemas.

No ano de 1991 nasce meu filho Guilherme. Neste mesmo ano, foi trazido pela Secretaria de Educação de Itatiba, a pedido dos professores, profissionais que pudessem estar falando sobre a Epistemologia Genética de Jean Piaget. Recebemos então, durante aquele ano, um curso de 240 hs ministrado pela professora doutora Orly Zuccato Mantovani de Assis.

Foi um ano de muita leitura, discussão em grupo, novidades, materiais diferentes, dúvidas, medos, inseguranças e supervisão constante da professora Orly.

Não tínhamos, até então, nenhum embasamento teórico que pautasse nossa prática. Os conhecimentos que passei a adquirir no decorrer do curso, trouxeram-me a consciência a necessidade dos estudos constantes que a nossa profissão exige. Apesar da atualização proporcionada pelo curso, sentia que o que ainda faltava para mim era um olhar crítico em relação aos conhecimentos e ao processo que acontece dentro do âmbito educacional. A partir do curso de Pedagogia, iniciei esse processo de análise crítica que está em processo de construção.

Sinto que vivemos uma situação conflituosa, cercada de interesses ideológicos e políticos e é urgente que ajamos com a certeza de que nosso papel como educador é fundamental nesse processo.

Trabalhei 9 anos em meio período em uma única EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil), mas quando meus filhos completaram 2 e 4 anos comecei a dobrar período na própria rede municipal de Itatiba.

Aquela nova realidade não foi fácil, 2 filhos pequenos, casa para cuidar, marido, mas enfim, todos temos objetivos na vida e era isso que me impulsionava a continuar.

No ano de 1999, uma das classes da EMEI havia sido fechada para uso da EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental), e como eu era a que tinha menos tempo de prefeitura, fui obrigada a me remover para outra EMEI, onde leciono até hoje. Iniciou-se então uma nova etapa na minha vida profissional e pessoal. No ano de 2002, durante a reunião de HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo) a diretora trouxe uma ficha de inscrição onde a Secretaria de Educação pedia que se inscrevessem os professores da rede municipal que não possuíam curso superior. A preocupação da Prefeitura foi originada pela nova lei da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) que colocava a obrigatoriedade do ensino superior para que os professores pudessem continuar em exercício.

Neste momento pude ter a esperança de realizar meu sonho, ainda que adormecido, de ser universitária. As coisas foram acontecendo e a universidade tornou-se realidade. Para iniciar meus estudos tive que abrir mão do casamento que terminou no final do segundo semestre daquele ano, com muito sofrimento. Apesar da perda, fico muito feliz, pois a partir daí pude perceber o quanto sou querida e importante para meus filhos. Nossa relação fortaleceu-se e hoje somos mais companheiros do que nunca, mesmo com tão pouco tempo para nos vermos. Os horários não se coincidem e fica difícil batermos aquele papo gostoso. Muitas vezes ao entrar na Topic que nos leva ao Núcleo de Estudos, encontro bilhetes de meus filhos desculpando-se por não poderem me esperar chegar, pois é muito tarde, apesar disso eles estão a todo momento me informando o quanto é orgulhoso para eles terem uma mãe cursando universidade na Unicamp, e isso vale a pena.

6. O reencontro com a escola na condição de aluno

“O conhecimento torna a alma jovem e diminui a amargura da velhice. Colho pois, a sabedoria. Armazeno suavidade para o amanhã.”

Leonardo da Vinci

Iniciamos nossa trajetória universitária em Agosto de 2002, as aulas aconteciam no CEPROVI (Centro Profissionalizante de Vinhedo). Logo na primeira aula tive vontade de desistir, pois as exigências eram muitas. Naquele semestre conhecemos as professoras Ivanda – Teoria Pedagógica e Produção em Português, Marlene – Multiculturalismo e Diversidade Cultural, Márcia – Tecnologia e Educação e Angela – Pensamento Histórico e Educação.

Naquele semestre as novidades foram muitas na universidade, na profissão e na vida pessoal. Trabalhar em dupla jornada, fazer curso aos sábados e assumir a responsabilidade de criar dois filhos pré-adolescentes sozinha, após o fim de meu casamento, juntamente com o término do primeiro semestre do curso de Pedagogia.

No ano seguinte retornamos ao CEPROVI e iniciamos o semestre com a disciplina Pesquisa Educacional, ministrada pela professora Silvia Bez. Essa matéria contribuiu muito para minha formação, pois pude perceber que tudo que é trabalhado na escola deve estar inserido dentro de um projeto e, o projeto de pesquisa consiste basicamente na formulação clara das questões que se pretende investigar, bem como, na descrição da maneira pela qual se planeja respondê-la, acompanhadas de uma argumentação que destaque e relevância do estudo e a adequação da estratégia proposta.

As aulas de Filosofia eram muito esperadas por mim, pois no magistério tive uma experiência com a professora Fátima, que lecionava essa disciplina, que organizava a classe em roda e superficialmente falava sobre Platão, Marx, Aristóteles, Descartes, Kant, entre outros, mas o mais importante para mim era a oportunidade, que tínhamos nesse momento, de falar sobre nós mesmas, e relacionando isto com as leituras realizadas em classe.

A professora Alda, da disciplina Pensamento Filosófico, resgatou essa experiência, aprofundando os estudos sobre os autores citados acima, trazendo muitas leituras e fundamentando teoricamente as informações recebidas com qualidade. Essas leituras puderam esclarecer a necessidade que o professor tem de ampliar seus conhecimentos e refletir sobre eles, ampliando sua visão de mundo, trazendo para seus alunos um contexto amplo, histórico, que lhe permita enxergar o mundo além dos limites da sala de aula. Como bem afirmou o professor José Luís Sanfelice em uma aula magna: *“É pela educação que as gerações se transformam e se aperfeiçoam.”*

É urgente que mudemos nosso olhar em relação aos acontecimentos, não nos basta aceitar uma verdade como sendo única, cabe a nós refletirmos, questionarmos, analisarmos e oportunizarmos aos nossos alunos a construção de uma nova forma de ver o mundo, para que tenham condições de participar de uma sociedade mais crítica e democrática.

Na disciplina Pensamento Sociológico e Educação, ministrada pela professora Eliana, passei a rever alguns conceitos à partir do contato com autores como Durkheim, Weber, Marx, e pude perceber que o poder da manipulação está inserido no contexto escolar e que somos os reprodutores de uma ideologia determinada pelo Estado e por aqueles que ditam as regras em nossa sociedade.

Evoca-se a pedagogia – procedimentos reflexivos sobre a aprendizagem e o processo de conhecimento – como recurso para a condução do processo educacional escolar. A pedagogia, no âmbito da educação pública, é sempre uma certa, e não outra, concepção de direção executiva, subordinada a uma estrutura político-social que implica em criação e desenvolvimento de projetos pedagógicos específicos. A alternância política no Estado, decorrente dos processos democrático-eleitorais, age perversamente sobre os projetos pedagógicos, causando interrupções e descontinuidades, desmanchando os últimos ideários de projetos pedagógicos de médio e longo prazo. Acabam-se por não se desenvolver projetos

pedagógicos referentes ao processo educativo, mas às tendências político-ideológicas dos governantes, o que corrobora a tese de Pierre Bourdieu de que projetos pedagógicos são arbitrários e violentos:

“Toda ação pedagógica (AP) é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural. (...) A ação pedagógica que reproduz a cultura dominante, contribuindo desse modo para reproduzir a estrutura das relações de força, numa formação social onde o sistema de ensino dominante tende a assegurar-se do monopólio da violência simbólica legítima. (Bourdieu & Passeron, 1975)

Conforme destaca Marx (2001), uma coisa é determinar, por meio de uma lei geral, os recursos para as escolas públicas, as condições de capacitação do pessoal docente, as matérias de ensino etc, e zelar pelo cumprimento destas prescrições legais (...), e outra coisa completamente diferente é designar o Estado como educador do povo! Longe disto é preciso subtrair a escola de toda influência do governo e da Igreja (...). É o Estado quem necessita receber do povo uma educação muito severa!

Outra disciplina, que modificou minha prática em sala de aula foi a de Teoria Pedagógica e Produção em Matemática, lecionada pela professora Marilac. Durante as aulas, trabalhamos com materiais concretos, deixando tudo mais claro à partir do estudo com “Movimento Conceitual em sala de aula” de Anna Regina Lanner de Moura.

Ficou evidente, a partir dessas aulas, que o conhecimento adquirido pelo ser humano enquanto percorre a história e constrói a partir dela seus conceitos, vai inseri-lo no mundo matemático que nos cerca, permitindo que ele evolua no processo de construção desse saber matemático.

Terminamos aquele ano tão corrido e iniciamos o seguinte com a disciplina Pensamento Psicológico e Educação com a professora Rosarinho. Estudamos as teorias de Vigotsky, Wallon e Piaget. Foram muitos momentos de reflexão e discussão em sala de aula, abordando criticamente o ensino da Psicologia da Educação e como olhar as dificuldades apresentadas pela criança e usar exemplos advindos de nossa prática em sala de aula. Alguns textos de apoio foram marcantes para atingirmos tais propostas, principalmente “A Patologização da

Educação” de Sebastião Rogério G. Moreira e “Problematizando os Contínuos Desafios da Psicologia na Formação Docente de Priscila Larocca.

A partir dos estudos realizados, posso concluir que o homem tem que se organizar para construir processos, agir sobre os objetos, assim compõe seus sistemas de considerar o mundo. Modifica suas estruturas mentais, quando assimila novas experiências e faz um processo de acomodação, ou seja, transfere seu conhecimento baseando-se naquilo que já sabe a respeito.

A professora Marilda trouxe a disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Arte. Através de dinâmicas, leitura, filmes, justificou a proposta de que a comunicação entre as pessoas e as leituras que fazemos do mundo não se dão apenas por meio das palavras. Muito do que se conhece sobre outros tempos, povos e países foi interpretado a partir de outras linguagens, como o teatro, a música, a pintura, a dança, o cinema entre outras manifestações artísticas. Esses conhecimentos deram-me suporte para trabalhar com o projeto de artes proposto pela prefeitura, onde levamos para sala de aula alguns artistas locais. A integração entre os profissionais e as crianças foi formidável, eles contaram aos alunos como surgiu o gosto pelas artes e fizeram alguns quadros na presença dos alunos, explicando como usavam suas técnicas.

Para finalizar aquela disciplina, trouxemos para o CEPROVI, um tecladista, uma cantora e um caricaturista, todos fizeram suas apresentações e o momento foi muito significativo para mim, pois internalizei, prazerosamente, que quando o professor experimenta o exercício do fazer artístico, desenvolvendo práticas pessoais e sensibilizando seus olhares para arte antiga ou contemporânea, amplia suas possibilidades de orientar essas práticas em sala de aula.

A disciplina Teoria Pedagógica e Produção em História, com a professora Mariana, deixou bem claro que deveríamos sempre partir dos conhecimentos prévios dos alunos, para

avançar em sua aprendizagem. Ela abordou também a idéia de transversalidade, mostrando como é possível aplicá-la em todas as disciplinas. A professora Ernesta Zamboni, ao participar de uma aula magna, em sua fala me fez refletir sobre minha prática e ver que de certa forma eu estava no caminho certo. Dizia ela:

“O tempo não muda, mas sim as explicações dos fatos, mudamos sim nosso olhar pois passamos a ver o passado com os olhos do presente. Ao estudar os fatos devemos contextualizá-los para compreendê-los melhor. Com as crianças é importante relacionar os marcos e o final da história, existem fatos marcantes na vida pessoal de cada um.”

Trabalhar com o livro “*Quanto tempo o tempo tem*” de Vera Lúcia Rossi e Ernesta Zamboni, foi muito significativo, mas também muito complexo. A ressignificação sobre o conceito de tempo foi construída com dificuldade, mas os seminários puderam dar conta desse processo.

Analisamos criticamente os livros didáticos de história, que, em sua maioria, trazem uma poluição visual em termos de excesso de imagens que se sobrepõem ao conteúdo, e como dizia Cecília Meireles, “...é preciso à criança imaginar”.

Finalizando o terceiro semestre tivemos a disciplina de Avaliação, ministrada pela professora Maura, sua disciplina enfocava o poder da avaliação que só se torna construtiva quando se modificam concepções, visando o conhecimento sobre aprendizagem do aluno. Comparar, vigiar ou punir, nunca!

Durante as aulas dessa disciplina pudemos ler e discutir sobre Políticas Públicas, PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), Sistema de Avaliação Nacional, Banco Mundial e Projeto Político Pedagógico. Era necessário mexer com todas essas concepções, revendo a história política, social e econômica da Educação no Brasil.

O início do quarto semestre trouxe consigo a percepção de que, após 20 anos de magistério, tenho descoberto que algumas perguntas que precisam ser respondidas ao longo da vida, isso porque é mais fácil para o aluno (minha condição nesse momento) e também para o professor fazer parte de um ensino voltado para perguntas prontas e definidas. O

professor, até então, era o detentor de todo saber, um intelectual com soluções para tudo, aos alunos caberia apenas receber as respostas às suas perguntas, tendo assim, uma falsa consciência de que todas as questões do mundo já foram formuladas e solucionadas. No dia a dia precisamos estar cientes dos problemas que temos que resolver e não ficar repetindo fórmulas que algum dia deram certo ou não.

Nossa primeira aula, nesse semestre, foi com a professora Eliana que retorna com a disciplina Política Educacional e Reformas. Nessa disciplina pude perceber e compreender melhor as diferenças entre Estado e Governo, visando ações que revertam o desequilíbrio social, a formação do cidadão que tem direitos sociais, de trabalhar, produzir e participar. Não é um ideal social ser assistido pelo Estado, a menos que seja inevitável. Uma sociedade se faz de sujeitos capazes, não de objetos de cuidado, já que o Estado é permanente e o Governo transitório, e que as políticas sociais estão dentro das propostas e concepções das políticas públicas. Política social implica em compromissos, redistribuição de renda, emancipação. Ou seja, autonomia econômica e política. De um lado o Capitalismo, que garante aos proprietários dos meios de produção a condição de transformar as forças de trabalho em mercadoria e assim, manter-se na condição de explorador da mão de obra do proletariado, perpetuando a desigualdade para garantir-se. Do outro o Neoliberalismo, baseado em um pensamento político que defende a instituição de um sistema de governo onde o indivíduo tem mais importância que o Estado, acreditando que quanto menor a participação do mesmo na economia, maior é o poder do indivíduo e mais rapidamente a sociedade pode se desenvolver e progredir, para o bem dos cidadãos.

O trabalho final exigido pela professora Eliana, vinculou nossa prática à teoria estudada. A classe foi dividida em grupos e cada qual elaborou um artigo sobre a pesquisa desenvolvida em seus municípios.

O tema do meu grupo foi “Programas e Projetos”, uma análise dos programas e projetos desenvolvidos no município de Itatiba nos últimos anos, nele citamos a municipalização do ensino, os projetos de formação continuada – PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores), o PCN em ação, a Recuperação de ciclo, a Educação Inclusiva, a Recuperação e o reforço, o Construindo Caminhos, entre outros.

Ficou marcante nesse momento a idéia de autoridade do sujeito que é capaz de entender e compreender o próximo na plenitude de sua dignidade, seus direitos e sobretudo suas diferenças.

As forças do mercado não bastam para sustentar o desenvolvimento se não houver investimento público em áreas críticas, como saúde e educação. O maior erro ocorrido no Brasil, a meu ver, foi não investir em pesquisas, como fazem os asiáticos. Embora o Capitalismo tenha produzido desenvolvimento econômico, não conseguiu acabar com a miséria.

Por estar na Educação Infantil há 16 anos, aguardava ansiosa a disciplina Educação da criança de 0 a 6 anos, lecionada pela professora Luciana. Pois bem, vimos uma história de total descaso com a criança, um ser considerado “sem alma”, de higiene precária, naturalmente deixado ao abandono, questões religiosas, emancipação da mulher, enfim, muitas informações de uma história passada. Como afirma Badienter (1985), no século XVII, os bebês eram entregues às amas de leite que substituíam o papel das mães que acreditavam que o ato de amamentar poderia trazer algum mal físico a elas. Mais tarde, as crianças ficavam sob os cuidados de uma governanta ou preceptor. A partir dos 8 anos, meninos e meninas eram enviados ao internato ou convento, onde recebiam a educação bancária e a formação pessoal.

Ainda segundo a autora, nos textos sagrados, a família era considerada como um grupo religioso: o pai era o chefe da família e o responsável por ela perante a sociedade, portanto, era a autoridade paterna com direito absoluto de julgar e punir.

Badienter (1985), levanta a questão da mulher de hoje que pode desejar não ser mãe e questiona: trata-se de uma mulher normal que exerce sua liberdade, ou de uma enferma no que concerne as normas da natureza? Mas, como discuti com minha colega de classe e de profissão, isso não é só fato passado, acontece ainda hoje, no presente. Nós mesmas, trabalhando em jornada dupla e delegando a responsabilidade do cuidado com nossos filhos às avós e à escola.

Para Badienter (1985), o amor materno existe desde a origem dos tempos, porém ele não existe necessariamente em todas as espécies. A presença do filho é fundamental para que ele seja construído (...) Se é verdade que nenhuma criança sobrevive sem os cuidados especiais, já não é tão seguro que todas as mães humanas estejam pré-determinadas a lhes dar o amor que elas necessitam (...) O amor materno é mais que um sentimento humano, e como tal, é incerto, frágil e imperfeito. Não está portanto inscrito na natureza feminina. A ternura pode existir ou não. Há diferentes formas de manifestá-lo que vão da exaltação à sua negação. Diante dessas questões, reli o livro "*O mito do amor materno*" pois era necessário desmistificar a culpa que me impunha.

Em nossa classe, a maioria das professoras trabalha com Educação Infantil, esse fato trouxe à aula um significado especial, pois o tempo todo nós trazíamos, da prática, depoimentos que enriqueciam mais ainda a teoria. A professora sabia muito bem como conduzir a aula e direcionar o tema com sabedoria e conhecimento profundo do assunto, cuidando para não ficarmos no senso comum.

A disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Geografia, ministrada pela professora Elaine, alertou-me sobre meu trabalho com a Educação Infantil, fazendo-me perceber que

muitas vezes em sala de aula estava desenvolvendo conceitos da Geografia, ou seja, de que dentro do espaço geográfico encontramos outros espaços; social, físico, político, econômico. A globalização que não atinge o mundo todo da mesma maneira, acontece num tempo real, mas ocorre de acordo com o contexto de quem recebe ou observa. Portanto, é inevitável cuidarmos para que a escolha dos assuntos a serem abordados, permitam significativamente aos alunos apropriar-se do conhecimento a partir de experiências concretas, afinal nós educadores propomos produção de raciocínio, elaboração de perguntas por parte deles, o que demanda tempo para o entendimento de dinâmicas, processos, funcionamentos, relações, um ensino produtivo e não reprodutivo.

A concepção tradicional de educação, que entendia o aluno como "*tábula rasa*", a ser preenchida por um conjunto de conhecimentos testados através de provas e exames periodicamente, parece ser ainda hoje, uma idéia orientadora. Mas neste modelo de educação, o aluno é visto muitas vezes como um ser passivo, com poucas chances de aumentar o seu saber. Este modelo não permite que o aluno enxergue o mundo através dos próprios olhos com criticidade adquirida na escola, pois esta não entende a necessidade de se oferecer a crítica, com medo de ser criticada no futuro. Desta maneira, entendo que o conceito tradicional de educação tornou-se incapaz de lidar com as mudanças que a sociedade se depara e mais difícil ainda é trazer a realidade e a necessidade da sociedade para dentro da escola.

Em decorrência destas dificuldades, tivemos na década de 1980, concomitante com a crise da Geografia Tradicional, ações nas áreas da pesquisa em ensino na Geografia com temas voltados para questões do tipo: como ensinar? É quais os elementos que compõem a prática pedagógica docente na área? Assim a questão maior era como explicar e não mais observar e descrever. Este fato não acontece de maneira uniforme, uma vez que ainda temos hoje em dia, docentes preocupados apenas com a descrição dos fatos.

Dentro deste novo cenário, que aos poucos estava se delineando é que tivemos a valorização da pesquisa no ensino, ligada à prática pedagógica.

Acredito que o repensar de nossas atuações, nos leva diretamente a pesquisa da nossa própria prática pedagógica, somente este esquema pode contribuir para uma melhoria efetiva da Geografia escolar. O problema é que este esquema, de prática pedagógica, pesquisa e novamente prática, porém transformada, esbarra num problema bastante sério que é o incentivo à pesquisa. Atualmente, os professores da rede pública de ensino fundamental e médio, não recebem incentivo para pesquisa, bem como formação continuada. Para que os mesmos possam desenvolver trabalhos no nível da pós-graduação, se faz necessário ou pedir demissão ou licença sem remuneração. E sobre tal fato, nem precisamos discutir a respeito, porque a opção pelo desemprego tem descartado a pós-graduação das atividades e metas desses docentes.

A grande maioria dos projetos pedagógicos das escolas brasileiras, tem apresentado como objetivo a ser atingido a formação crítica e o questionamento no aluno. Acreditamos que o caminho para se conseguir tal fato, está na possibilidade de atualização dos docentes junto a novas pesquisas, ao resgate de pesquisas já realizadas, para que o professor e o aluno possam fazer uma elaboração própria desta prática, uma vez que somente a pesquisa poderá fornecer subsídio para a emancipação intelectual e política de professores e alunos. Com isto estaremos mais perto de aprimorar, aprofundar e adquirir novos conhecimentos que nos levarão a ensinar novas maneiras, aos alunos, de lerem o mundo e reclamarem seus direitos de cidadãos.

A professora Mariana retornou naquele semestre, agora trazendo a disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Ciências e Meio ambiente, trabalhando as 3 dimensões do ensino e da temática ambiental; 1) A Natureza do Conhecimento: relação homem e meio; 2) Ética e Estética: sociedade e sobrevivência e 3) Dimensão política: degradação ambiental e

progresso. Ficou evidenciado que nas relações sociais do cotidiano é que se constrói o conceito de natureza.

Durante a aula magna apresentada pelo professor Ivan Amorosino do Amaral, responsável pela disciplina, percebi que, transformar a natureza não é obra exclusiva do ser humano, pois a própria natureza (energia e matéria) está em constante mobilização. Diante de tais premissas questionei-me então: - Qual o papel do ensino de Ciências e quais características ele deve assumir?

Hoje os alunos precisam participar mais ativamente no seu processo de aprendizado. Porém, não é qualquer situação que é capaz de fazer com que os alunos venham a participar mais ativamente. Muitas tentativas são feitas e não dão os resultados esperados porque não levam em conta o contexto atual dos alunos. Contudo, é contraditório termos alunos que saibam manipular máquinas, softwares, equipamentos de filmagem, máquinas de fotografia, e não sabem se expressar oralmente e pela escrita, tornando difícil, para eles, argumentar e contra-argumentar. O importante é que o enfrentamento sempre ocorre no formal e não no informal, no científico e não no senso comum. Não se pode negar o direito da formação "oficial", da formação formalmente aceita, há que se trabalhar nela e com ela. Inclusive para combatê-la quando for o caso.

Há a necessidade de se perseguir uma utopia, como diz Freire (1997):

“Para mim o utópico não é o irrealizável; a utopia não é idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico. A utopia exige conhecimento crítico. É um ato de conhecimento. Eu não posso denunciar a estrutura desumanizante se não a penetro para conhecê-la. Não posso anunciar se não conheço, mas entre o momento do anúncio e a realização do mesmo existe algo que deve ser destacado: é que o anúncio não é anúncio de um anteprojeto, porque é na práxis histórica que o anteprojeto se torna projeto; na minha biblioteca tenho um anteprojeto que se faz projeto por meio da práxis e não por meio de blábláblá.”

Como se pode ver em Paulo Freire, não adianta ter boas idéias se elas ficarem apenas na conversa, é preciso buscar a prática dessas idéias. Mas elas não podem ser palavras da moda, palavras que são ditas apenas para impressionar, pois essas se perdem no vácuo da ignorância.

O ensino de Ciências, antes encontrava-se pouco contemplado pelo currículo, não havia especificação e interdisciplinariedade, o concreto, o real envolvimento em tempo real, o que hoje acontece em nossas escolas.

O conhecimento científico é ambíguo, ao mesmo tempo que promove a evolução científica, prejudica a natureza existente, e nós educadores não podemos ocultar dos alunos, as reais conseqüências desses avanços.

Para o autor Rubem Alves (Filosofia da Ciência, pág. 43 e 44), a ciência se inicia com problemas. Um problema significa que há algo errado e não resolvido com os fatos. Seu objetivo é descobrir uma ordem que transforme os fatos de enigma em conhecimento.

Que bom constatar, a partir daí, que na Educação Infantil, iniciamos nossos projetos, investigando, e o produto final acaba sendo uma teoria ou hipótese de trabalho e não um senso comum. Essa conscientização só foi possível graças as estratégias utilizadas pela professora Mariana, que nos conduziu à reflexão, através da experimentação.

Iniciei o quinto semestre em ritmo louco, meu pai recuperando-se de uma cirurgia delicada no pâncreas e a família totalmente voltada para seu reestabelecimento. Retirei forças de Deus e de duas lindas mensagens na contra capa do meu caderno novo.

Volta conosco a professora Eliana na disciplina Planejamento e Gestão Escolar. Com as orientações recebidas e observando a participação dos professores, o envolvimento pedagógico do grupo gestor, conselhos de escola, APM (Associação de Pais e Mestres), relações interpessoais, liderança, regras, normas, análise de documentos como o Plano de Gestão, autonomia do gestor, finanças, postura ética, em minha escola, pude posicionar-me melhor em relação a Gestão Escolar.

A participação é o caminho natural para o homem exprimir sua tendência inata de realizar, afirmar-se e dominar a natureza e o mundo. Além disso, a prática envolve a satisfação de outras necessidades, envolvendo a interação com os demais indivíduos, o

desenvolvimento do pensamento reflexivo, o prazer de criar, recriar, e o que é mais importante a valorização do próprio indivíduo pelos demais. Como bem destaca Candau (1999), é importante uma maior troca de nossas experiências nessa perspectiva, assim como a afirmação de um movimento alternativo que tenha como eixos principais os movimentos sociais, o protagonismo dos docentes, o debate, a pesquisa e a produção teórica, a qualidade social e cultural das escolas, a reafirmação dos espaços públicos, a afirmação dos vínculos entre educação e cultura, a recuperação da concepção do educando como sujeito histórico-cultural, entre outros.

Segundo Paro (2001), a escola não é uma grande família onde a função do professor se resume em acalmar os ânimos, pacificar as relações tão difíceis do meio escolar. Os interesses são diferentes, mas a escola deve ter um objetivo maior que contemple as necessidades da comunidade, tais concepções são perceptíveis em sala de aula.

Em Teoria Pedagógica e Produção em Saúde e Sexualidade, professora Marilac, tivemos a oportunidade de debater com a professora Marilac, sobre as relações de gênero, enfocando suas interfaces: sexualidade, infância, adolescência, educação e o panorama atual das pesquisas.

É interessante destacar aqui uma afirmação feita por Larossa (2000), quando afirma que a verdade da infância não está no que dizemos dela, mas no que ela nos diz no contato que temos junto à ela; é sempre algo novo, mesmo que a criança se apresente com uma face visível, conserva também um “tesouro oculto do sentido”, o que faz com que jamais possamos esgotá-la.

Portanto, cabe ao educador atualizar-se e observar a fundo as ações de seus alunos para que não se restrinja a conceitos pré-estabelecidos e conclusões superficiais sobre as potencialidades, necessidades e anseios de seus alunos.

Temas Transversais foram o tema da disciplina que leva o mesmo nome, com orientação da professora Luciana. No desenrolar do curso, pude interiorizar que a fragmentação do saber leva o aluno a não perceber que todos os conhecimentos são perspectivas diferentes de uma mesma realidade. O poder do conhecimento está no desejo humano de conhecer e dominar o mundo, na disciplinarização dos conteúdos que possibilita o controle da aprendizagem sustentada pela burocracia escolar. O indivíduo tem determinadas competências que vão além do conhecimento e do cumprimento de regras das instituições sociais, como por exemplo, a solidariedade e a autonomia, que não se ensinam, praticam-se. Portanto, cabe a nós educadores repensarmos o tempo, o espaço, os métodos, as formas de relações interpessoais, introduzindo assim, temáticas coerentes com os anseios e as necessidades emergentes em nossa sociedade.

Ao final do semestre a disciplina que me deixou conhecimentos significativos, pois estava bem próxima de minha realidade, foi a de Pedagogia da Educação Infantil. Elaboramos todo um estudo com relação as nossas creches, analisando a planta de uma instituição, destacando as adequações de ambientes que devem estar preparados para receber a criança. Nos demos conta de que a criança é que deve se adaptar à sociedade; adequar-se ao silêncio dos ambientes, banheiros, espaço disponível em determinados momentos preestabelecidos. O choro, que tanto incomoda o adulto, não é visto como necessidade, mas tensão do pressuposto que a criança não está bem e não que seja esta uma forma de linguagem.

Ao término do ano veio a formatura de minha filha Mayara, e que me deixou muito orgulhosa, pois ela foi homenageada como a aluna que mais se destacou durante os nove anos que esteve naquela instituição.

O início de 2005, trouxe a expectativa da reta final do curso de Pedagogia, bem como a preocupação com a estruturação do memorial elaborado nas férias.

Neste último semestre, recebemos novamente a professora Angela ministrando a disciplina Currículo Escolar. Inicialmente pudemos analisar o termo “currículo” como sendo sinônimo de lugar, espaço, território, trajetória, viagem, percurso.

Pude reconhecer e analisar as determinações históricas, culturais, epistemológicas, sociais e ideológicas do currículo, bem como analisar os fundamentos filosóficos, sociológicos e psicológicos das diferentes concepções curriculares, o que possibilitou que eu me posicionasse criticamente frente a eles para então ser mais participativa na construção dos projetos pedagógicos em minha escola.

Educação não-formal, disciplina ministrada pela professora Sílvia, proporcionou muita reflexão em minha prática educativa. Fizemos algumas visitas às ONG’s em minha cidade e pudemos constatar que a educação não se dá apenas no âmbito escolar. A sociedade admite a necessidade das instituições que surgem para suprir falhas administrativas do Estado.

Nessa delicada condição conjuntural, para prover a sociedade de serviços públicos de apoio social, são formadas, por ausência e incapacidade do Estado, organizações de interesse público que objetivam a prestação de serviços como saúde, educação e assistência social. Essas organizações, que não objetivam as atividades econômicas, mas provêem serviços sociais e públicos, são as chamadas Organizações Não Governamentais – ONGs. Essa denominação é empregada porque essas organizações têm funções sociais e públicas, mas não se apresentam como governo. No Brasil são chamadas de Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP.

Desse modo, as ONGs, como as OSCIPs, são caracterizadas como organizações sem objetivos econômicos e de lucro, fazendo parte de um “setor” de prestação de serviços sociais. É importante notar que essas organizações não provêem o desenvolvimento econômico pelo lado do crescimento do produto ou da renda, mas prestam serviços públicos, como assistência

a crianças carentes, idosos ou enfermos, ou mesmo na atuação na defesa de bens públicos e comuns da sociedade, como o meio ambiente, as florestas, os rios etc.

As ONGs, tomam para si as obrigações do Estado, oferecendo oportunidades de aprendizagem política ao indivíduo enquanto cidadão, conhecendo seus direitos e deveres, falando e discutindo seu ponto de vista.

Os conhecimentos adquiridos com relação às ONGs só foram viáveis devido as aulas ministradas no PROESF (Programa Especial para Formação de Professores em Exercício), pois tenho consciência de que sem as discussões levantadas em classe não buscaria conhecer, bem como, não me interessaria por visitar nem mesmo a estudar o trabalho desse tipo de instituição.

As aulas de Teoria Pedagógica de Produção de Conhecimento em Educação Física, com a professora Marilda, foram sempre muito criativas e dinâmicas. Para falar do corpo ela sempre iniciava com alguma atividade envolvendo o grupo.

Através de palestras ficou entendido que o importante é o respeito ao próprio corpo, já que ele é uma identificação do sujeito e a identidade se perde pelos padrões estilizados transmitidos, principalmente, pela mídia.

Dediquei-me às leituras da disciplina de Educação Especial, pois tenho sérias críticas quanto a inclusão, já que por vários anos tenho em minha sala alunos portadores de necessidades especiais. Fiz uma análise do desenvolvimento histórico e conceitual de deficiência e da Educação Especial no Brasil, dentro de um contexto da história, da legislação e das políticas públicas.

O termo inclusão instiga artigos e debates em torno do seu significado social. A palavra inclusão deriva do verbo incluir, originado do latim *incluire*, correspondendo a inserir, introduzir, acrescentar ou abranger. Seria equivalente ao verbo incluir a frase "colocar

também" (Roquette, 1928). O termo se refere à conduta de inserir alguém ou alguma coisa em algum lugar.

A inclusão no sentido educacional porta uma interpretação dúbia. Na prática, a maioria dos educadores quando convocados a falar sobre o termo, se referem a inserção no sistema regular de ensino, aquelas crianças ditas "diferentes", que apresentam impedimentos nos órgãos sensoriais ou no sistema nervoso central. Esta interpretação baseada no defeito ou impedimento e impossibilidade é vista por Mittler como parte da consciência de quase todos que trabalham em educação (Mittler, 2003).

Em muitas situações há grande preocupação em incluir os "diferentes" no sistema regular de ensino, enquanto aqueles que são vistos como "normais" não são compreendidos em suas particularidades, podendo gerar um sentimento de exclusão, ocasionando, dentre outras conseqüências, a evasão escolar ou a multi-repetência.

Parafraseando Stainback (1999), a inclusão não se aplica somente a crianças com deficiências ou sob algum risco, mas a todas, compreendendo o seu desenvolvimento e a aprendizagem numa instituição educacional.

Acredita-se que o termo inclusão seja sugestivo a compressões ou análises direcionadas ao portador de necessidades especiais por questões ideológicas. De acordo com Bakhtin, (1981), é preciso fazer uma análise profunda e aguda da palavra como signo social para compreender seu funcionamento como instrumento da consciência. É devido a esse papel excepcional de instrumento da consciência que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for. É no fluxo da interação verbal que a palavra difunde significados. É através dela que se evidenciam ideologias e se consolidam interpretações, até mesmo as mais contraditórias ou precipitadas.

Tudo o que sabemos acerca do mundo dos fatos deve, pois, ser suscetível de expressão sob a forma de enunciados acerca de nossas experiências. Só podemos chegar a conclusão de

que esta mesa é azul ou verde consultando nossa experiência sensorial. Pelo imediato sentimento de convicção que ela nos transmite, podemos distinguir o enunciado verdadeiro, aquele cujos termos estão em concordância com a experiência, do enunciado falso, aquele cujos termos não concordam com a experiência. (Popper, 1993).

Corresponde a nossa cultura, a nossa experiência acreditar que educação inclusiva se direciona apenas a crianças portadoras de alguma síndrome ou debilitadas fisicamente, as crianças ditas diferentes da maioria padronizada e homogeneizada superficialmente, sem considerações à subjetividade. Nossa prática está alicerçada numa educação para crianças "normais" enquanto que a própria interpretação de normalidade pode ser contraditória porque é subjetiva.

Se analisarmos cada criança que pertence a uma instituição educacional, encontraremos particularidades que jamais poderiam ser desconsideradas tanto para o processo ensino aprendizagem bem como para o convívio e o bem estar social do grupo.

Quantos educadores levantam dados dos seus educandos a fim de perceber o que pensam, o que sonham, o que trazem ou o que desejam? Quantos educandos permanecem anos seguidos na escola sem se sentirem inclusos no sistema ou até mesmo no grupo? Quantos educadores refletiram durante sua carreira de magistério sobre o conceito e a compreensão do que vem a ser inclusão educacional? Onde a inclusão inicia? Na creche? No jardim-de-infância? Na pré-escola ou no Ensino Fundamental?

A inclusão "passa por uma mudança no modo de vermos o outro, de agirmos para que todos tenham seus direitos respeitados." (Mantoan, 2001). Seguindo este viés, compreende-se que quando falamos sobre educação inclusiva não especificamos a quem, mas, apregoamos uma educação de qualidade, comprometida com cada sujeito, de modo a não segregá-lo sob nenhum pretexto ou razão. Há diversidade sim, mas precisamos olhá-la sob outro prisma. É a

diversidade que conduz o processo ensino-aprendizagem. São as opiniões e as divergências que impulsionam as reflexões que nos fazem crescer e amadurecer como pessoa.

Cada educando aprende e se relacionar com os demais de maneira singular, pois trazemos conosco uma história, uma ideologia. Nossas crenças e valores não se desvinculam de nós em nenhum instante. Direcionar nossa atenção apenas a portadores de necessidades específicas não vai mudar o atual sistema de ensino caótico onde muitas crianças ainda reprovam porque não "compreenderam" algumas equações ou não escrevem em letras cursivas ou ainda não decoraram toda a tabuada e os verbos que o professor quer no presente, no pretérito mais-que-perfeito, no futuro do presente, etc.

Só podemos cultivar a inclusão numa experiência inclusiva. Só podemos cultivar uma prática pedagógica inclusiva e para todos se assim for vivenciado, mas, para vivenciar, precisamos buscar ou refletir sobre nossas ações, sobre nossas experiências. Cada um de nós é responsável por compreender as regras ou princípios que conduzem sua forma de pensar. "A rua de acesso à inclusão não tem um fim porque ela é em sua essência, mais um processo do que um destino."(Mittler, 2003).

O papel da inclusão está além de aceitar as diferenças, ele tem início numa tomada de consciência por parte daquele que está inicialmente mais próximo dos alunos ou crianças: o educador, independente da faixa etária em que trabalha, ou seja, em creche, pré-escola, ensino fundamental, etc. Este, precisa buscar algum referencial que o faça compreender a inclusão na sua complexidade, esta complexidade que envolve tanto o sentimento daquele a ser incluso como também a postura da instituição e da família frente a esta questão.

A participação dos colegas que fizeram muitos relatos e até desabafos de suas experiências, algumas positivas, outras negativas foi fundamental para que eu refletisse sobre a política da inclusão e fizesse uma análise das minhas experiências pessoais que também foram relatadas em sala.

7. A mudança de postura

De acordo com DEMO (1997) muitos professores, atualmente, tem se portado em sala de aula como simples ministradores de aulas, sendo "fiéis" seguidores do "mero ensinar", enquanto seus alunos praticam o "mero aprender".

O autor apresenta algumas características destes ministradores de aulas, como a "versatilidade" que estes apresentam quando, sendo formados em um determinado curso de graduação, acabam por ministrar aulas em áreas nas quais muitas vezes não foram formados, como advogados que lecionam sociologia. Uma outra característica do simples ministrador de aulas é aquela que diz respeito ao seu entendimento do exercício profissional docente como "transmissor de conhecimentos" adquiridos na época de sua graduação e que até hoje são transmitidos aos alunos, como mera cópia. Uma última característica dada a esse profissional é sua luta particular pela sobrevivência, o que, às vezes, não lhe permite pensar em sua qualificação intelectual.

Em contrapartida, o autor acima citado elabora sua proposta sobre o que seria o professor. Para esse, inicialmente, o professor deve ser um pesquisador envolto pela capacidade de dialogar, elaborar ciência e ter consciência teórica, metodológica, empírica e prática em sua atuação. O autor também propõe que o professor deve ser um socializador de conhecimentos, o que o obriga a divulgar sua própria "bagagem" intelectual adquirida via pesquisa. E, como consequência das idéias expostas anteriormente, o professor deve criar no aluno o novo pesquisador, a fim de não criar discípulos, mas novos mestres. Isto desmistifica a idéia de que o aluno é "*(...) alguém subalterno, tendente a ignorante, que comparece para escutar, tomar nota, engolir ensinamentos, fazer provas e passar de ano.*" (DEMO, 1997).

Desta forma, entendo que é necessário ao professor estar em constante atualização a fim de que saia da qualidade de ministrador de aulas, através das quais, não deixa de ser um instrutor que sempre "ensina" os mesmos conhecimentos. (DEMO, 1997).

Porém, a melhor maneira para que o professor alcance qualidade intelectual para desenvolver suas atividades é a pesquisa. DEMO (1997), afirma que a pesquisa "*(...) não é ato isolado, intermitente, especial, mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e sociedade nos impõem.*" O autor ainda afirma que a pesquisa deve ser entendida como "capacidade de elaboração própria", que deve estar presente na atitude diária do professor. O autor afirma ainda que a pesquisa também pode ser entendida como "diálogo inteligente com a realidade", vendo essa como um comportamento cotidiano do professor.

Essas definições não permitem que o professor seja um mero ministrador de aulas mas, exige desse constante atualização, de acordo com a mudança da realidade. E é essa postura que agora passo a assumir. Quero fazer a diferença na vida escolar de meus alunos, quero poder inculcar-lhes a idéia de que tudo é passível de investigação, nada deve ser aceito como verdade absoluta.

Porém, segundo o mesmo autor, para que o professor possa emancipar seu aluno, é necessário que antes ele procure emancipar-se.

E, para emancipar seus alunos, o professor precisa motivá-los e a pesquisa pode ser um destes instrumentos. Tomando essa atividade como sendo a capacidade de elaboração própria, logo, ela pode levar o aluno a emancipar-se crítica, intelectual e politicamente. Mas para isso, é necessário que a pesquisa esteja presente na formação do professor.

"Seria altamente recomendável que esses futuros professores tivessem em sua formação oportunidades de contato com pesquisas e pesquisadores, por intermédio de seus próprios professores, que não fossem meros repetidores de um saber acumulado e cristalizado, mas testemunhas vivas e participantes de um saber que se elabora e reelabora a cada momento, em toda parte." (LÜDKE, 1995).

Portanto, busco ao término do curso de Pedagogia, dar continuidade aos meus estudos e posicionar-me como professor pesquisador, tendo como ponto de partida minhas experiências em sala de aula. Pois acredito que somente dessa forma poderei “fazer a diferença” e formar cidadãos emancipados, autônomos e participantes ativos do processo ensino-aprendizagem.

Referências Bibliográficas

- BECKER, F. **A Epistemologia do Professor**. Petrópolis. Vozes, 2000.
- BACKTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo. Hucitec, 1981.
- BADIENTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1985.
- BOURDIEU, Pierre & Passeron, Claude. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino**. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1975.
- CANDAU, V. M. **Reformas Educacionais Hoje na América Latina**. In: Moreira, A. F. B. (org.). **Currículo: políticas e práticas**. Campinas. Papirus, 1999.
- DEMO, Pedro. **O Desafio de Educar pela Pesquisa na Educação Básica**. In: **Educar pela pesquisa**. Campinas. Autores Associados, 1997.
- FLEMING, Dorothy. **Como Educar os Educadores**. In: **O Correio**. Rio de Janeiro, Unesco/FGV, 1978.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização. Teoria e Prática da Libertação**. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo. Cortez e Moraes, 1997.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: Danças Piruetas e Mascaradas**. Tradução de Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte. Autêntica, 2000.
- LUDKE, Menga. **A Pesquisa na Formação do Professor**. In: Fazenda, Ivani (org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas. Papirus, 1995.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A Educação Especial no Brasil: da Exclusão à Inclusão Escolar**. São Paulo. Memnon, 2001.
- MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Rio de Janeiro. Civilizações Brasileiras, 2001.
- MATURANA, H. **Da Biologia à Psicologia**. Porto Alegre. Artmed, 1998.
- MITTLER, Peter. **Educação Inclusiva: Contextos Sociais**. Porto Alegre. Artmed, 2003
- MORAES, Antonio Carlos Robert de. **Geografia: Pequena História Crítica**. São Paulo. Hucitec, 1983.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão Democrática da Escola Pública**. São Paulo. Ática, 2001.

POPPER, Karl. **Na Sociedade Aberta e em seu Inimigo**. Lisboa. Editorial Fragmentos, 1993.

STAINBACK, S.; Stainback, W. **Inclusão: um Guia para Educadores**. Traduzido por Magda França Lopes. Porto Alegre. Artmed, 1999.